



CAPOEIRA E LITERATURA INFANTIL: CONSTRUINDO PONTES ATRAVÉS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA

Ana Claudia Dias Ivazaki¹ (1); Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo² (2)
Universidade Estadual da Paraíba - anaivazaki@gmail.com.br

RESUMO

A capoeira é uma arte genuinamente afro-brasileira. Embora tenha sido marginalizada e discriminada ao longo de sua história, aos poucos vem ganhando espaço no ambiente escolar, já sendo possível encontrar livros paradidáticos destinados a auxiliar o professor a valorizá-la. Neste sentido, elaboramos uma sequência didática voltada para a Educação Infantil, tendo como *corpus* o livro de literatura infanto-juvenil **Berimbau mandou te chamar**, de Bia Hetzel (2008). Nosso trabalho, de natureza bibliográfica e documental, reúne os pressupostos teóricos de Freire (1996) e Zilberman (2003), no tocante às implicações do uso do texto literário na educação inclusiva; de Heine e Silva (2008) e Candau (2015), entre outros, acerca da importância da literatura de temática étnico-racial e da capoeira na educação das crianças. Tais reflexões serão subsidiadas por documentos oficiais, como as Leis n. 10.639/2003, 11.645/2008 e o Decreto n. 487/1890. A construção da sequência didática interativa, em etapa subsequente, será de molde a problematizar o emprego da capoeira infantil como atividade de âmbito escolar, pondo em evidência a discussão sobre diversidade étnico-racial na sala de aula da educação infantil, oportunizando, desta forma, o compartilhamento de conhecimento acerca da história e da riqueza cultural brasileira.

Palavras-chave: Capoeira, Educação Infantil, Literatura infanto-juvenil, Sequência didática interativa.

INTRODUÇÃO

A literatura infanto-juvenil tem um papel fundamental na arte e na cultura, pois associa conhecimentos de diferentes vertentes e possibilita fazer uma representação ficcionalizada da sociedade. É uma forma de arte através da qual o indivíduo “funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização” (CAGNETI, 1996, p. 07).

Nosso objetivo, neste trabalho, é elaborar uma sequência didática de metodologia do ensino de práticas pedagógicas para o ensino das Relações Étnico-Raciais através da capoeira, no contexto da literatura infanto-juvenil. Para dialogarmos com a literatura infanto-juvenil na escola, usamos como fio condutor a capoeira e as Leis n. 10.639/2003 e 11.645/2008, propondo uma metodologia para a sua implementação nas Unidades de Educação Infantil(EI) da Rede Municipal de Campina Grande-PB.

Assim, a pesquisa versa sobre o seguinte problema: como, através de uma prática pedagógica voltada para o trabalho com literatura infanto-juvenil de orientação afro-brasileira, da

¹Professora PMCG; mestranda em Educação - UEPB. E-mail: <anaivazaki@gmail.com.br>.

² Professora do PPGFP – UEPB. E-mail: <patriciaa@yahoo.com>.



capoeira, podem-se erigir estratégias para a implementação das Leis n. 10.639/2003 e 11.645/2008 na educação infantil?

Pretendemos, então, não apenas propor o letramento subsidiado na temática em pauta, mas contribuir com uma metodologia para o ensino de aspectos da questão étnico-racial na EI através da literatura infanto-juvenil. Para tanto, efetuamos a elaboração de uma sequência didática interativa através do incurso na literatura infanto-juvenil e nas Leis n. 10.639/2003 e 11.645/2008 em sala de aula, a ser aplicado na educação infantil.

Nossa proposta, com este artigo, é discutir a questão étnico-racial usando como ferramentas a literatura infanto-juvenil, a capoeira e as Leis n. 10.639/2003 e 11.645/2008, implementando uma sequência didática interativa a partir do livro **Berimbau mandou te chamar** (2008), de Bia Hetzel.

Nosso interesse é, além de visibilizar a questão étnico-racial na educação infantil, viabilizar a inclusão desta discussão através de uma prática docente embasada na literatura infanto-juvenil, e da valorização da capoeira, erigindo práticas de letramento legítimas e fomentando a construção de uma nova consciência étnico-racial, desde os primeiros anos da vida escolar.

Nesse diapasão, a relevância acadêmica desse trabalho situa-se na possibilidade de produzir resultados em unidades educacionais quanto às Leis n. 10.639/2003 e 11.645/2008, as quais até o momento ainda não encontraram respaldo na Educação Infantil.

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A ABORDAGEM DA CAPOEIRA

O texto literário possibilita a formação de leitores críticos, além de despertar a criatividade, a imaginação, os sentimentos e as emoções de forma prazerosa. Quando as histórias abordam a temática étnico-racial, tal expressão artística pode se tornar importante ferramenta para a construção identitária das crianças.

No entanto, o regime de escolarização implantado no país nem sempre favoreceu a formação de leitores e, quando o fazia, priorizava quase sempre um modelo educacional eurocêntrico, que não trazia/traz a valorização da cultura e da diversidade brasileiras.

Aos poucos, essa realidade vem mudando, e hoje já é possível encontrar literaturas que tragam a nossa representação cultural e étnica em suas páginas. Entre algumas dessas publicações, temos buscado aquelas que tratam da capoeira, por ser ela “uma das manifestações culturais mais conhecidas do Brasil e reconhecidas no mundo” (MinC, 2014).



A capoeira, que vem se ampliando a cada dia, pode trazer uma relevante colaboração ao universo da educação infantil, a prática que foi criminalizada no Brasil através do Decreto n. 487 do Código Penal em 1890, estabelecia, em seu Capítulo XIII, conforme Paiva, citado por Brasil (2014, p. 88):

Art. 402 – Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidades e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem, andar em correrias com armas ou instrumentos capazes de produzir lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo termos de algum mal: Pena de prisão celular de dois a seis meses. Parágrafo único: é considerada circunstância agravante pertencer o capoeira a algum bando ou malta. Aos chefes ou cabeça se imporá a pena em dobro.

O decreto acima traz ao nosso conhecimento um exemplo da marginalização a que foi submetida a capoeira ao longo da história do país. Hoje, a roda de capoeira é reconhecida como patrimônio cultural imaterial da humanidade e é motivo de orgulho para muitos brasileiros. Essa expressão cultural ainda encontra resistência no meio social, havendo quem a associe a manifestações religiosas afro-brasileiras historicamente marginalizadas.

A característica ancestral de ambas as práticas – a capoeira e as religiões afro-brasileiras –, bem como a sua particularidade de resistência diante dos colonizadores e do sistema escravista implantado no Brasil, torna-as em importantes ferramentas, capazes de auxiliar a escola, a comunidade escolar e os professores a valorizar a identidade e a problematizar a questão étnico-racial no Brasil de forma lúdica, buscando a superação do racismo e, desde cedo, trazer a educação em direitos humanos para dentro das unidades educacionais:

A Roda de Capoeira recebeu, nesta quarta-feira (26/11), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Após votação durante a 9ª sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial, a Roda de Capoeira ganhou oficialmente o título (BRASIL, 2014, *on-line*).

Esse importante reconhecimento da capoeira, uma arte que lutou bravamente para sobreviver até os dias de hoje, traz o fortalecimento da valorização da nossa identidade. Foi com grande emoção que vimos à capoeira ser contemplada na festa de abertura das Olimpíadas do Brasil (2016). A capoeira, segundo entendemos, enquanto elemento de resistência e de fortalecimento de



identidade histórica e cultural, extrapola a implementação das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, pois já as informava antes mesmo da sua existência.

A capoeira é mais que uma ferramenta pedagógica. Traz consigo um amplo panorama de possibilidades para as unidades educacionais, cuja exploração requer a formação continuada de professores, objetivando a apropriação de um saber enriquecido pela compreensão da importância de sua riqueza.

A elaboração de uma sequência didática interativa, utilizando metodologia do ensino de práticas pedagógicas para o das relações étnico-raciais abre, assim, caminhos para que outros pesquisadores possam não apenas aprofundar a temática, mas trabalhar a questão com seus alunos e também contribuir para uma mudança de paradigma que a presente pesquisa busca edificar.

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A princípio, é importante discutir as categorias teóricas de trabalho para uma melhor compreensão do nosso estudo.

Literatura/Literatura infanto-juvenil: Proença Filho (2007, p. 09) ressalta que “a literatura é tradicionalmente entendida como uma arte verbal. A arte da palavra, segundo Aristóteles”. Mas isso diz pouco. As composições poéticas monopolizaram a literatura durante longo tempo. Não há consenso entre os estudiosos sobre este (controverso) conceito. Para alguns, além de uma forma de representar o mundo, a literatura exige do leitor uma tomada de posição. A partir do século XIX, os românticos tomam-na como “luz da ideologia que os norteia [...]” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 10), promovendo a valorização da subjetividade pela via do texto literário. Assim, o autor acena para o caráter provisório da literatura, atento à dinâmica da cultura que a produz.

Para Zilberman (2003), a natureza da literatura infantil apresenta duplicidade. Ao mesmo tempo em que é captada pela perspectiva de um adulto, pode assumir um caráter pedagogizante e moralista, comprometendo o interesse da criança.

Castilho (2004, p.107) aponta que “a literatura infanto-juvenil surge no século XVIII, quando a sociedade burguesa ascendente passa a perceber a criança enquanto uma categoria que precisa de uma educação específica”. Desde então, as crianças das classes sociais mais favorecidas passaram a ter acesso a traduções e adaptações de clássicos de origem estrangeira. Antes, era inexistente um olhar que considerasse a criança e suas especificidades, mas esse “modelo” atendia especialmente à classe mais favorecida economicamente. Assim, a literatura infantil surge como ferramenta que auxilia a “[...] manipulação das emoções e o controle intelectual sobre as crianças”



(ZILBERMAN, 2003, p.15). Entre os autores mais lidos e ainda em destaque até os dias atuais, a autora destaca Perrault, os Irmãos Grimm, Lewis Carroll e Andersen, entre outros. Porém, conforme CUNHA, citado por CASTILHO(2014), “[...] as crianças de classe popular desfrutavam das histórias orais do folclore brasileiro, contadas pelas avós” (CASTILHO, 2014, p.108).

Cabe aqui ressaltar a importância da escola como espaço de formação crítica do indivíduo, independentemente da classe social. Entretanto, conforme Candau (2015), atualmente se observa uma tendência em enfatizar a avaliação e a gestão. Os mais diferentes tipos de testes têm sido aplicados a fim de “averiguar” a qualidade da educação no país. Professores que conseguem os “resultados esperados” recebem quase sempre uma premiação. Será esta a educação que desejamos? Não estará a escola, enquanto espaço privilegiado de difusão e compartilhamento de conhecimento, restringindo-se a focar apenas alguns conteúdos que são cobrados nesses testes?

É preciso parar e refletir, colocando-nos, enquanto professores, no centro das discussões que busquem a prática da alteridade, o interesse do indivíduo e suas particularidades, reinventando a escola para que ela possa “[...] dar respostas aos desafios da sociedade em que vivemos” (CANDAUI, 2015, p. 22).

Diversidade étnico-racial: Vale investigar o lugar do negro na literatura, averiguando se, nas obras literárias, ele foi ilustrado de forma caricata ou positiva, com a qual as crianças negras possam se identificar. Convém ressaltar que, apesar dos esforços empreendidos ao longo dos anos, a diversidade cultural e étnica dos personagens negros continua sendo obliterada, numa representação que “[...] equaliza o indivíduo, os grupos sociais, étnicos, culturais e raciais do cotidiano [...]” (JESUS, 2011, p. 19-20).

Para Munanga (2005), muitos professores não receberam a formação adequada para “[...] lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional” (MUNANGA, 2005, p. 15). A falta de conscientização por parte do educador coloca em xeque a implementação das políticas públicas voltadas à implementação das Leis n. 10.639/2003 e 11.645/2008. Ademais, de acordo com o autor, os materiais didáticos continuam vinculando uma visão eurocêntrica e depreciativa dos povos e culturas não ocidentais, sendo imprescindível que os educadores reconheçam este apagamento da história, da cultura e da memória coletiva dos educandos afrodescendentes.



A capoeira pode favorecer um processo de interação importante na educação infantil, uma vez que possui muitos aspectos lúdicos que podem ser vivenciados desde os primeiros meses de vida:

Um dos principais motivos que tem levado as pessoas em geral a praticar a capoeira é exatamente a possibilidade de experimentar sensações de prazer e alegria por meio de sua prática. Os capoeiristas mais antigos utilizam o termo *vadiar* quando se referem à capoeira. O termo *vadiar* significa, nesse contexto, ter momentos de descontração, jogar pelo prazer, pela brincadeira, pela diversão. A palavra *jogo* vem do latim *jocu*, que significa gracejo e expressa divertimento e brincadeira sujeita a regras que devem ser observadas quando se joga (SILVA; HEINE, 2008, p. 49).

A exemplo disso, considera-se importante compartilhar com os professores e a comunidade escolar essa vivência tão particular e rica que é a capoeira, proporcionando a aproximação entre a cultura e o seu povo, tendo em vista que o processo de colonização constantemente priorizou o eurocentrismo para dominar os povos colonizados.

Reside aí o nosso compromisso em favorecer a história e a cultura afro-brasileira, trazendo para o protagonismo os heróis e heroínas negros que foram marginalizados e lançados ao esquecimento, partindo, a princípio, do conhecimento prévio das crianças “Assim, se quem deve aprender é o aluno, não é o professor quem pode fazer o trabalho intelectual por ele. Isso significa que, no centro, fica a prática do aluno, não a prática docente” (PIMENTA; GHEDIN, 2012, p. 112).

SEQUÊNCIA DIDÁTICA INTERATIVA

Buscamos trazer livros que falem da capoeira de forma lúdica, no interesse de responder aos seguintes questionamentos: de que forma o livro paradidático pode nos auxiliar a contar a história da capoeira? Como construir uma sequência didática interativa?

Segundo Oliveira (2013), numa sequência didática interativa, é importante que se parta do conhecimento prévio dos alunos. Os dados, para este trabalho, podem ser coletados a partir de uma roda de conversa, de entrevista, ou por outro método de sondagem. As construções devem se dar de forma contínua, num constante movimento de “vai-e-vem”. Para este fim, destaca-se a propriedade do diálogo/entrevista que, a princípio, pode ser individual, mas, posteriormente, deve ser feito em grupos, para que os alunos possam partilhar os conhecimentos entre si, buscando e atingindo um



consenso, cujo produto final é fruto da edificação coletiva dos participantes. O esboço a seguir determina os procedimentos adotados, distribuídos nas etapas do trabalho.

Turma Pré-2 (05 anos de idade)

Número de alunos 25

Primeiro momento:

- Convidar os alunos a participar de uma “roda de conversa”, depois dos cumprimentos iniciais. Perguntar a eles:
 - Já ouviram falar em capoeira?
 - Sabem o que é a capoeira?
 - O que é a capoeira, para vocês?
 - Conhecem algum instrumento musical utilizado na capoeira? Qual?
 - Como os capoeiristas se vestem?

É importante o professor/a ir anotando no seu portfólio as questões apontadas pelos estudantes. Caso haja professor/a de capoeira na unidade educacional, seria interessante convidá-lo/a a participar desse momento.

Segundo momento:

- Sugerir às crianças que façam uma representação não verbal da capoeira, que pode ser um desenho. Para tanto, oferecer aos alunos folhas de papel e lápis de cor.
- Fazer uma exposição do material desenvolvido pelas crianças, que pode ser na sala de aula.

Terceiro momento:

- Formar grupos de no máximo cinco participantes e solicitar que as crianças façam entrevistas em suas casas, com amigos e parentes, para descobrir mais informações sobre a capoeira. Caso seja possível, convidar uma pessoa da comunidade que conheça sobre capoeira para participar de um momento com as crianças.

Quarto momento:

- Coletar as informações complementares e dialogar com as crianças sobre os elementos novos, a partir das entrevistas com os familiares e amigos.



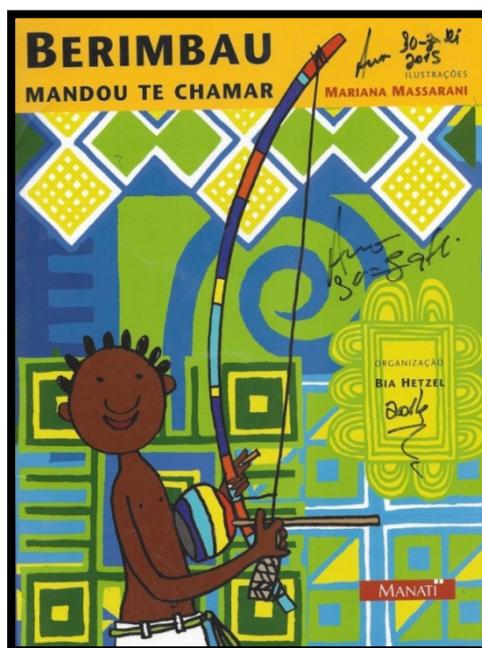
Quinto momento:

- Construir um painel coletivo com as informações levantadas pelas crianças.

BERIMBAU MANDOU TE CHAMAR

Após as vivências e construções coletivas propostas na sequência didática interativa, tem lugar uma contação de história. Esta é a ocasião de apresentar às crianças o livro **Berimbau mandou te chamar** (2008), de Bia Hetzel.

Figura 01 -Capa do livro *Berimbau mandou te chamar*, de Bia Hetzel.



Fonte: acervo pessoal de Ana Claudia Dias Ivazaki (2016).

O livro pode ser trazido para a sala de aula dentro de uma caixa fechada – uma “caixa-surpresa” – cujo conteúdo as crianças tentarão descobrir através da adivinhação. Após a descoberta do livro e a sua primeira apresentação, o/a professor/a pergunta às crianças do que elas mais gostaram, o que mais chamou a sua atenção.

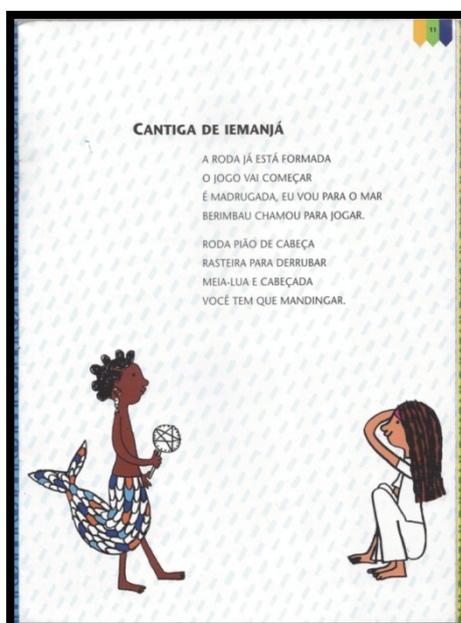
Em seguida às considerações das crianças, o professor/a pode falar da riqueza cultural que recebemos das matrizes africana e indígena, das suas cores e formas, buscando instigar a curiosidade dos alunos. O/a professor/a deve considerar sempre, em primeiro lugar, as informações trazidas por eles, levantando hipóteses para que tenham a oportunidade de questionar o que está



sendo discutido e vivenciado de forma coletiva. As crianças, por esse procedimento, são solicitadas a “pensar sobre” as perguntas relativas ao tema, desenvolvendo a própria criticidade, ao invés de encontrar respostas prontas.

É possível observar, no livro, uma rica representação da cultura afro-brasileira. Seus personagens, construídos como expressões de valorização e protagonismo da criança negra, têm a pele escura, usam penteados em estilo afro. A alegria, a musicalidade e a religiosidade são outros elementos apresentados como características positivas da raça negra. Na página 11, reproduzida abaixo, uma cantiga traz referência a Iemanjá:

Figura 02: Imagem retirada do livro **Berimbau mandou te chamar**, de Bia Hetzel (2008, p. 11).



Fonte: Acervo pessoal de Ana Claudia Dias Ivazaki (2016).

Repleto de cantigas de capoeira, cores e representações culturais africanas e brasileiras, o livro traz, em suas 27 páginas, capa e contracapa, vários elementos que podem ser problematizados em sala de aula e ser explorados pelas crianças, despertando a sua criatividade. A esse respeito, lembra Paulo Freire:

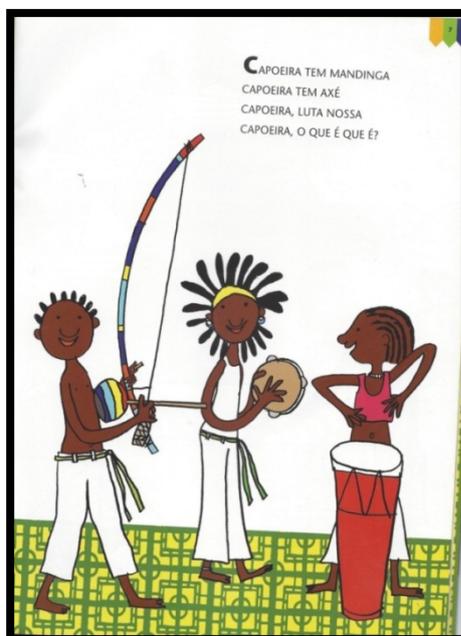
A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desenvolvimento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele fazer algo (FREIRE, 1996, p. 32).



Numa época em que a tecnologia ocupa boa parte do tempo das pessoas e das crianças, o incentivo ao hábito da leitura é fundamental. Quando essa leitura traz um viés étnico-racial, que nos faz pensar sobre a nossa origem e a construção identitária de nosso povo, falando das dificuldades enfrentadas por nossos ancestrais, mulheres e homens negros que foram escravizados, a prática educativa torna-se ainda mais desafiadora.

Outro elemento importante trazido pelo livro é a questão do gênero, como podemos observar na figura abaixo:

Figura 03: Imagem retirada do livro **Berimbau mandou te chamar**, de Bia Hetzel (2008, p. 11).



Fonte:Acervo pessoal de Ana Claudia Dias Ivazaki(2016).

A mulher aparece na figura acima como protagonista na roda, tocando o atabaque. Em outras ocasiões – nas páginas 16 e 17, por exemplo –, a mulher, Negra e não negra, aparece jogando, participando efetivamente do jogo de capoeira.

O texto ilustrativo traz, assim, uma gama de possibilidades de protagonização da ação pela mulher, o que nos faz voltar a uma importante reflexão sobre gênero e o papel da mulher/menina na sociedade: é nosso dever, como docentes, “provocar”; quanto mais instigamos e problematizamos, mais oportunizamos os nossos alunos e alunas a ter êxito na construção de um pensamento crítico. Como aponta Freire, “ensinar exige ética”. Ele acrescenta:



A necessária promoção da ingenuidade à criticidade não pode ou deve ser feita à distância de uma rigorosa formação ética ao lado sempre da estética. Decência e bunitzeza de mãos dadas. Cada vez me convenço mais que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho da decência e da pureza (FREIRE, 1996, p. 32).

Essa decência é aqui representada por trazer à tona histórias de mulheres e homens negros que foram apagados dos livros de histórias por séculos. Quase sempre, nos contos infantis, príncipes e princesas são brancos e não representam a diversidade do nosso povo. Valorizar essa diversidade nunca esteve estabelecido no discurso institucionalizado do Direito e das leis, até há bem pouco tempo. A Lei n. 10.639/2003, em seu Art. 26-A, institui a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas unidades educacionais de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares. Complementando estas disposições, a Lei 11.645/2008 acrescenta o estudo da História e Cultura Indígena. O texto da lei, em sua íntegra, estabelece:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação (BRASIL, 2003, art. 1):

Art. 26-A Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Diante da realidade de preconceito étnico-racial e de fracasso escolar dele decorrente, explicitada no Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2012), consideramos que, a partir da indignação e da tomada de consciência, que resultou na implementação das Leis n. 10.639/2003 e 11. 645/2008, é possível nos fortalecermos para enfrentar a questão de forma fundamentada e com base numa pedagogia de combate ao racismo e a qualquer tipo de discriminação, educando para as relações étnico-raciais positivas de forma a alcançar negros e não negros.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n. 10.639**, de 09 de janeiro de 2003.. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 06 ago. 2016.



BRASIL. **Lei n. 11.645**, de 10 de março de 2008.. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em:
06 ago. 2016.

BRASIL. **Roda de Capoeira recebe título de Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade**.
Brasília: Ministério da Cultura, 26 nov. 2014. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1230742>. Acesso em: 07 ago. 2016.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Livro que te quero livre**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1996.

CANDAU, Vera Maria; SACAIVINO, Susana Beatriz. **Educação: temas em questão**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

CASTILHO, Suely Dulce de. A representação do negro na Literatura Brasileira: Novas perspectivas. **Olhar de professor**, Ponta Grossa, 7(1): 103-113, 2004. Disponível em:
<<file:///C:/Users/Leonardo/Downloads/1418-4378-1-PB.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HETZEL, Beatriz Bozano. **Berimbau mandou te chamar**. Rio de Janeiro: Manati, 2008.

JESUS, Elivanete Alves de. **O Lugar e o Espaço, na constituição do Ser Kalunga**. 2011. 220f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2. ed. rev. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OLIVEIRA, Maria Marly de. Formação de professores para pessoas surdas. In: _____. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. Disponível em: <<http://www.pasem.org/gestion/archivos/experiencias/25/SDI-3-Forma%C3%A7%C3%A3o%20de%20Professores%20-Pessoas%20Surdas.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2016.

PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. **Professor Reflexivo no Brasil**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PROENÇA FILHO, Domicio. **A linguagem literária**. 8.ed. São Paulo : Ática, 2007.

SILVA. Gladson de Oliveira; HEINE, Vinicius. **Capoeira, um instrumento para a cidadania**. São Paulo: Phorte, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 11.ed. rev. atual . eampl. São Paulo: Global, 2003.